

**AS VIAGENS, OS REGIMES, OS OLHARES:
FERNANDO NAMORA NA UNIÃO SOVIÉTICA E NOS
ESTADOS UNIDOS**

***TRAVELS, REGIMES, VIEWS:
FERNANDO NAMORA IN THE SOVIET UNION AND IN THE
UNITED STATES***

Antony Cardoso Bezerra¹

RESUMO

Em clave ensaística, contemplam-se dois livros que pertencem à última fase da carreira do autor português Fernando Namora: *Cavalgada Cinzenta*: narrativa (1977) e *URSS Mal Amada, Bem Amada*: crônica (1986). Com base na discussão das ligações do movimento literário neorrealista, em Portugal, a ideais do comunismo, expõem-se escalas do projeto estético de Namora e, por fim, os procedimentos de escrita empregados nas obras que dão conta de duas viagens realizadas nos anos de 1972 — a Nova Iorque; e de 1973 — à União Soviética. Privilegiando-se o segundo livro, mas sempre em contraste com o primeiro, observa-se que alguns dos valores sustentado pelo Neorrealismo e por Namora (liberdade, democracia *etc.*), no combate ao totalitarismo do Estado Novo em Portugal, deixam-se de lado em benefício do louvor a um regime igualmente de exceção, o comunismo soviético.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Namora; *Cavalgada Cinzenta*; *URSS Mal Amada, Bem Amada*; Liberdade; Comunismo.

¹ Professor Associado 1 do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (Campus Sede).



ABSTRACT

This essay focuses on two books by the Portuguese author Fernando Namora: *Cavalgada Cinzenta*: narrativa (1977) and *URSS Mal Amada, Bem Amada*: crônica (1986). Both belong to the last phase of his career. Based on the discussion of the relations between the Neorealism as a Portuguese literary movement with the ideals of communism, some examples of Namora's aesthetic project are exposed. Afterwards, the procedures employed by the writer in the works which cover two travels (to New York, in 1972, and to the Soviet Union, in 1973) are scrutinised. Taking the second book as the core of the analysis — in permanent contrast with the first one —, it is possible to say that some of the biases supported by both Neorealism and Namora (freedom, democracy *etc.*) when facing a totalitarian government in Portugal — the so-called «New State» — are put aside for the benefit of the eulogy of another state of exception, the Soviet Communism.

KEYWORDS: Fernando Namora; *Cavalgada Cinzenta*; *URSS Mal Amada, Bem Amada*; Freedom; Communism.

«O que me agrada é a digestão da viagem. O que dela permanece, depois de joeirados os espantos, as emoções, os confrontos com as atmosferas alheias.» (NAMORA, 1998, p. 80.)

«Ver, aliás, não é estar dentro. Para todos os efeitos, pois, a viagem de um turista, e sobretudo a viagem dentro de canais 'oficiosos', é na generalidade dos casos uma loteria viciada.» (NAMORA, 1986, p. 105.)

A ligação do movimento que se pode denominar Neorealismo Literário Português a preceitos do comunismo é incontestável. Sobretudo quando da gênese de suas especulações e em seus momentos iniciais — ou seja, nas décadas de 1930 e de 1940 em Portugal, com a ascensão e a afirmação do Estado Novo de António de Oliveira Salazar —, são muitos dos ideais materializados na Revolução de Outubro de 1917, em solo russo, que se absorvem, que se defendem e que se propagam entre intelectuais na jovem República Portuguesa. A Literatura, já se vê, converte-se em esfera na qual as teses de alguns dos principais pensadores da doutrina político-econômico-social encontram solo fértil, germinando e transformando-se em produto ficcional. Os nomes e as obras de Soeiro Pereira Gomes (n. 1909; f. 1949), ele mesmo membro do Partido Comunista, que abandonou a vida civil para viver em clandestinidade; António Alves Redol (n. 1911; f. 1969), inaugurador da estética no campo do romance e ferrenho opositor da ordem estabelecida; e de Urbano Tavares Rodrigues (n. 1923; f. 2013), quase um epígono e que ergueria o seu facho comunista até o séc. 21; consistem em apenas três exemplos que parecem não dar margem à contestação de que Moscou e tudo aquilo que passa a representar tem, sim, a sua sucursal dentro dos domínios salazaristas. Pensando mais em termos da sucessão de vagas literárias, Carlos Reis, um dos principais investigadores do movimento literário em voga, observa:

Ora o neorrealismo, proclamando, como se sabe já, uma concepção empenhada do fenômeno literário, desenvolveu essa atitude sociocultural até às últimas consequências e acabou por optar por sistemas estético-literários em certos casos radicalmente antagônicos dos perfilhados pela *Presença* [revista coimbrã que circulou entre 1927 e 1940]. Sem esquecer esporádicos pontos de contato entre alguns dos escritores neorrealistas e a escrita presencista, a verdade é que as linhas de força do neorrealismo traduziram-se em termos de franca inovação, a qual pode ser apreendida e comprovada a dois níveis: a um nível de ostentação, nas diversas polémicas que eclodiram entre presencistas e neorrealistas ou seus seguidores [...]; a um nível mais profundo se tivermos em conta as afinidades que unem os escritores neorrealistas e que permitem falar na existência de uma geração literária. (REIS, 1981, p. 21-22)

Bem se sabe que a sucessão de gerações e de estéticas artístico-literárias não se pauta pela negação absoluta do que antecede; até pela impossibilidade de tal condição, dados os processos de evolução literária, que são múltiplos.² Mas soa efetiva a noção de que o cerne de discordâncias entre a segunda e a terceira geração modernas reside, em larga medida, nos modelos que adotam e, por extensão, no perfil político assumido: enquanto que autores como José Régio (n. 1901; f. 1969) e João Gaspar Simões (n. 1903; f. 1987) viam no projeto estético da revista *Orpheu* e nas explorações psíquico-literárias (num espectro que passa por Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Marcel Proust e Virginia Woolf) um caminho para fomentar a «Literatura Viva» (cf. RÉGIO, 1977, p. 17ss.); um Alves Redol buscavam em pensadores soviéticos — p. ex.: Georgi Plekhanov e Nikolai Bukharin —, conforme demonstra Garcez da Silva (1990, p. 82-83), inspiração para, na conferência que escreve sobre o tema «Arte», ainda no ano de 1936, definir o estatuto socializante e interventivo das manifestações culturais. Ademais, espelhos literários vários neorrealistas os terão em autores do chamado Regionalismo de 1930, que, no Brasil, reúne nomes de clara adesão ao comunismo (e igualmente perseguidos pelo poder central — no caso, o do líder populista Getúlio Vargas), como Jorge Amado e Graciliano Ramos; bem como em autores norte-americanos claramente questionadores do *American Dream*, caso de John Steinbeck e de Erskine Caldwell. Uma súpula desse ideal em dimensão internacional está materializada nas palavras de Margarida Losa, que dedicou relevante estudo à conjuntura em discussão:

Os romances [...] estudados estão inseridos num movimento estético que teve o seu início nos anos 30 e que em meados da década de 50 estava praticamente extinto. Esse movimento estava relacionado, com o apelo a um «retorno» ao *realismo social*, mas um retorno ao qual se esperava que os artistas acrescentassem algo de *novo*: para além da convicção generalizada de que o ambiente social determinava o comportamento humano e de que a fidelidade à realidade era um preceito estético indispensável, surgiam agora outras ideias «novas», como a de as pessoas poderem mudar o seu ambiente e a arte poder

² Apesar das várias contendas existentes entre presencistas e neorrealistas nas décadas de 1930 e de 1940, estes assumem a leitura daqueles e os consequentes influxos. António Alves Redol, no prefácio escrito um quartel de século após a estreia em romance do Neorrealismo, com *Gaibéus* (1939), afirma: «Éramos ferozes antiburgueses por influência do Antero e do Eça, do *Orfeu* e da *Presença* [...]». » (REDOL, 1965, p. 17)

mudar as pessoas. A nova crença na importância da *praxis* histórica afetou a própria compreensão do papel da arte: acreditava-se que a própria arte fazia parte de uma *praxis* cultural e, como tal, tornava-se crucial conhecer as *utilizações* que lhe estavam a ser atribuídas. Não bastava que a arte fosse verdadeira. A arte deveria igualmente ser útil. (LOSA, 2014, p. 12)

Contrários a regimes totalitários, que os perseguiram, os autores, em seus romances, miram-se no exemplo soviético, que entendem como libertador. Está-se, é importante dizer, no período que vai do entreguerras à Segunda Grande Guerra e que é marcado pela ascensão, p. ex., do Nazismo e do Fascismo. Em Portugal, o Estado Novo, em seu caráter corporativista e nacionalista, cerceia liberdades; e a intelectualidade portuguesa, em sentido dominante, vê uma senda de libertação no projeto comunista (o Partido Comunista Português permanece na ilegalidade nas quase cinco décadas de regime). Essa aproximação é bem clara, como ilustração, no plano vivencial, mais uma vez, de Alves Redol, em percurso de aproximação do que se entendia como causas populares; de que não estava afastada, ao menos como ideal, a utopia comunista:

Em 1931, Alves Redol regressa a Portugal [de Angola] e trabalha em diferentes empregos, alguns deles em Lisboa, onde desempenha funções de chefe de escritório. Paulatinamente, aproxima-se da condição de assalariado. Antes de Luanda, conhece gaibéus, varinos e operários na loja do seu pai, mas o balcão demarca uma linha divisória. [...] Finalmente, [...] trabalha na Procuradoria-geral dos Municípios, viajando regularmente de comboio [...], confrontando-se com os efeitos recessivos da crise mundial de 1929 e assistindo ao despertar de pequenos núcleos comunistas na zona ribatejana.

Em Vila Franca de Xira, num ambiente político pró-oposicionista [...], tecia-se uma rede que fazia daquela região um dos mais importantes territórios da história do comunismo em Portugal. (NEVES, 2010, p. 248-249)

É um mundo análogo ao que é representado no romance do grande agitador comunista Álvaro Cunhal (n. 1913; f. 2005), que, sob o nome Manuel Tiago, em *Até Amanhã, Camaradas*, contempla a vida em clandestinidade dos que pretendiam promover a revolução em Portugal (TIAGO, 1980). Redol, em convergência com intelectuais como Joaquim Namorado (n. 1914; f. 1986), João José Cochofel (n. 1919; f. 1982) e Alexandre Pinheiro Torres (n. 1923; f. 1999), enxergará, no modelo soviético, uma via de libertação do jugo salazarista. Mas em que medida a natureza e a extensão das atrocidades e da desumanização que sucediam por detrás da chamada «Cortina de Ferro» — a União Soviética e as repúblicas que estavam em sua órbita — eram de conhecimento do Ocidente e, mais pontualmente, dos portugueses? Contatos havia; viagens, sobretudo após a Segunda Grande Guerra, também. Mostrava-se tudo? Vale muito o questionamento. Na biografia que escreve sobre o escritor brasileiro Jorge Amado — a propósito, em constante contato com os neorealistas portugueses —, Joselia Aguiar (2018) dá conta de como a efusão com o mundo soviético se vai convertendo em desilusão à medida que amigos (intelectuais submissos à foice e ao martelo) vão saindo de cena e verdades inconvenientes vêm à tona. Em que pese o autor de *Cacau* jamais se retratar quanto ao apoio

concedido a um regime, para dizer-se o mínimo, limitador de vontades individuais, é notório o gradativo afastamento da causa em que tanto se empenhara.

O caminho de Fernando Gonçalves Namora (n. 1919; f. 1989), o autor cujo encontro com o povo «teria de ser tão íntimo como os sangues que se misturam numa transfusão» (NAMORA, 1988, p. 22-23), conforme escreveu em 1961, também irá do encantamento à desilusão? A luta pela humanização dos que ocupam a base da pirâmide social — ideal nitidamente ficcionalizado em romances como *Minas de San Francisco* (1946) e em contos como os da primeira série dos *Retalhos da Vida de um Médico* (1949) — estará acima ou abaixo da defesa de um regime político?³ Num nível seminal, para essas questões se buscam respostas, por uma via que se concretize mais pelo plano da linguagem e da figuração que das Ciências Sociais ou da Historiografia. Decorre dessa condição o menos importante ser, nesta investigação, o detalhamento do arcabouço histórico em que se constitua a expressão de Namora, já que se parte da inelutável premissa de que a experiência da União Soviética e dos países que em torno dela orbitaram é marcada pela perseguição, pelos assassinios em massa, pelo totalitarismo, pelo corporativismo e, por tudo isso, pela supressão das individualidades. O que Namora, a uma altura em que as máscaras da fraternidade comunista já não mais se sustentavam, teria a dizer de tudo isso? A aspiração a esboçar uma resposta para essa questão é o cerne deste ensaio.

Fernando Namora nasce para a Literatura na conjuntura histórica que acima se delineou. Romancista inicialmente de laivos presentistas, conforme se vê no precoce e algo autobiográfico *As Sete Partidas do Mundo* (1938), surge Namora em prosa de ficção; logo se aproxima de uma ambientação neorrealista, o que se pode apurar no romance, também de notas memorialistas, *Fogo na Noite Escura* (1943). Muito facilmente se integrará ao movimento estético que, conforme já observado nas palavras de Carlos Reis, volta-se contra aquilo que se afirmava ser o pendor nefelibata dos presentistas, materializado, *lato sensu*, em concentrar-se dos desvãos do ser diante de uma realidade difusa, ainda que, conforme indicado, seu primeiro livro estivesse dentro desse horizonte. Mas Namora mudou; mudou do primeiro livro ao segundo, bem como continuaria a mudar em todo o seu percurso literário. Mudou o plano de representação, mudou de enfoque, mudou na estruturação das narrativas (e, mesmo, na apreensão dos gêneros). No dizer de um crítico e biógrafo — neorrealista —, Mário Sacramento (1968), pode-se divisar ciclos na produção de Namora: depois de um momento inicial, ter-se-ia o «Ciclo Rural», seguido pelo que chama de «Alienação e Consciencialização», que é o plano de pendores existencialistas detectável em *O Homem Disfarçado* (1957) e em *Domingo à Tarde* (1962). Sacramento morreu cedo, em 1969 (com apenas 48 anos), e não presenciou, portanto, os desdobramentos da obra de seu contraparte, pois também médico-escritor. Outra intérprete da obra do autor, Elêusis

3 Em *Temas e Estruturas na Obra de Fernando Namora*, Pierrette Chalendar e Gérard Chalendar, diante do que entendem como o humanismo de Namora, observam: «[...] neste escritor se afirma uma sólida esperança de amanhã melhores [...] — e a sua obra desenvolve uma psicologia meticulosa do pobre esfarrapado, que Marx englobava na designação de ‘proletariado’.» (CHALENDAR & CHALENDAR, 1979, p. 179-180).

M. Camocardi, vai um pouco além no tempo: em trabalho concluído em 1973 e publicado cinco anos após, acompanha o que chama de «crônica ‘tout court’» e de «crônica romanceada», sequência das etapas anteriores (CAMOCARDI, 1978).

Se mudou de ambiências e de gênero, no entanto, do tempo que medeia entre os anos 1940 e os anos 1970-80, quando publica livros sobre as viagens feitas a Nova Iorque e à União Soviética (a este país, fizera outras anteriormente), parece, Namora, não ter mudado tanto na maneira como enxerga o mundo; pelo menos, não em relação à utopia comunista e àquilo que representa dentro do plano temporal em que se realizam as viagens. Está-se a pensar num mundo no limiar do 25 de Abril e do que o sucede, sendo, os volumes em pauta, *Cavalgada Cinzenta*: narrativa (1977) e *URSS Mal Amada, Bem Amada*: crônica (1986).⁴ O primeiro, assumidamente relato de viagem entremeado por elementos ficcionais, dá conta dos cinco dias passados na Grande Maçã no ano de 1972, apêndice de uma série de palestras e colóquios realizados no Canadá; sua escrita se desdobraria até ao ano de 1976. No segundo, medeia um período maior entre o fato e o relato: a viagem à União Soviética que dá ensejo ao livro se realiza em 1973 — a propósito, outro notório escritor luso, Urbano Tavares Rodrigues, está na comitiva de que faz parte Namora e publicará, em 1973, seu *Viagem à União Soviética* (RODRIGUES, 2017)⁵. As três semanas de passeios pelas terras então comunistas só muitos anos depois, portanto, serão convertidas em escrito pelo autor coimbrão.

Não é impreciso afirmar que, no escopo da larga produção literária de Namora — e, insiste-se, diversa em mais de um sentido —, os dois volumes em apreço até hoje receberam pouca atenção. De um e de outro, como alvo de atenção sistemática (e, já se vê, acadêmica), apenas as resenhas escritas para a *Colóquio/Letras* se podem, por ora, elencar. Na que trata de *Cavalgada Cinzenta*, Fernando Mendonça, crítico literário que acompanhou com atenção a produção ficcional portuguesa na segunda metade do séc. 20, discute o estatuto de gênero do livro — «crônica, ensaio de sociologia, ficção» — e o chama de «retrato de corpo inteiro da América» (MENDONÇA, 1978, p. 84). Bem exagerada é a qualificação realizada pelo crítico, dadas a brevidade da estadia em solo norte-americano e, ainda mais, sua limitação a uma única cidade. A feição mais demeritória que elogiosa impressa por Namora quando escreve sobre Nova Iorque e, em clave mais ampla, sobre o modo de vida estadunidense, repercute em cheio no olhar adotado pelo autor da resenha; noutros termos, alinha-se o analista, quase

4 Entenda-se que a abordagem que ora se leva a cabo considera como elemento nuclear do *corpus* o volume que contempla a viagem de Namora à União Soviética; o texto sobre a estadia nova-iorquina vem mais em condição de parâmetro/contraponto ao que o intelectual escreve sobre as repúblicas comunistas.

5 Referido no cap. 6 da crônica de Namora — «[...] Urbano, no livro sobre nossa viagem à URSS [...]» (NAMORA, 1986, p. 86) —, o texto do companheiro do autor em estudo é, nas palavras do prefaciador José Neves, «— à primeira vista — uma peça de encaixe simples: tratando de *tomar partido* a favor do comunismo, pretende já *tomar conhecimento* da realidade soviética. Transporta marcas da amizade e fidelidade ideológica do autor ao comunismo, mas também de um processo de inquérito à realidade soviética.» (NEVES, 2017, p. 12).

que acriticamente, ao que é proposto no que está escrito: «Este livro revela-nos a América do Norte que não conhecíamos. O próprio autor se surpreende com o que viu — nos costumes, nos hábitos, nas ciências (e nas consciências), nas artes, em suma, no turbilhão da grande cidade — Nova Iorque — que se transformou num espaço difícil de habitar.» (MENDONÇA, 1978, p. 85.) São quase que concessões as pontuações positivas que se possam fazer sobre a experiência de Namora nos Estados Unidos, «país de muitos contrastes, terra de muitas riquezas, muitas artes, muitos medos, muitas misérias, retratada com independência e rigor de observação, eis o que está pormenorizadamente registrado na *Cavalgada Cinzenta*.» (MENDONÇA, 1978, p. 85). Em que pese a não insistir na imparcialidade do olhar — mesmo porque é bem tangenciado — e assuma uma representação ficcional, o papel de Namora é visto pelo resenhador como o do cronista compromissado com a realidade.

A resenha que contempla *URSS Mal Amada, Bem Amada* também é da lavra de autores familiarizados com a obra e o projeto literário de Fernando Namora: os já mencionados Pierrette Chalendar e Gérard Chalendar. O par de críticos insinua que o mundo representado pelo escritor no livro vai além das impressões de viagem, alcançando a esfera do debate político — o que é bem efetivo, se se pensar, inclusive, na abordagem contrastiva (de expectativas, de tempos, de espaços *etc.*) empregada pelo autor. No que diz respeito aos posicionamentos de Namora, Chalendar & Chalendar (1987, p. 115) assinalam o que entendem ser uma posição ponderada, que tanto expõe «dados objetivos que ensombram a imagem idílica proclamada pelos incondicionais do comunismo soviético», quanto, por jamais ter manifestado «um espírito apologético», não tem «de fazer a sua autocrítica [...]». E também não se situa no campo dos opositores mais agressivos contra o sistema.» Verificável no texto, a condição enfatizada pelos críticos nem por isso deixa de ser tangencial, se se considerar que é um humanista e defensor das liberdades individuais a perspectivar as condições de vida numa ditadura muito mais rígida que aquela contra que combateu, por anos e anos, em seu próprio país. Deixando tal aspecto de lado, a resenha privilegia a posição manifestamente assumida pelo viajante em todo o livro, que é a de pretensa neutralidade:

Namora coíbe-se, quanto possível, de julgar uma organização sociopolítica: prefere tentar viver «por dentro» a alma russa, que, apesar das suas aparentes diversidades [...] e de indícios evidentes de mutação profunda, lhe parece ser um misto de gregarismo e de vontade de poderio, que é legível em inúmeras condutas individuais e históricas. (CHALENDAR & CHALENDAR, 1987, p. 115)

Noutros termos, aquilo que fará veementemente em face dos cinco dias passados em Nova Iorque — denunciar a queda do sonho americano e as consequências desumanizadoras de tal condição, munindo-se de farta informação livresca para a tarefa — cede lugar à ponderação quando diante da realidade soviética. Citando-se o texto de *URSS Mal Amada, Bem Amada*, em três passagens do longo cap. 4, pode-se ver o autor dizer que contempla «sem tomar partido» a realidade ao redor, num espaço de menos de três páginas (NAMORA, 1986, p. 64-67). Discurso

manifesto, sim; mas o será num plano efetivo? Após acompanharem em proximidade o que escritor disse de sua própria abordagem, os resenhadores parecem, ao desfecho da análise, rever o que pontuaram anteriormente: «Esse propósito de se abster de atitudes militantes será apenas um cálculo prudente com vistas a uma ausência real de ponto de vista perante o tema que se apresenta? Por outras palavras: — Pode-se não tomar partido?» (CHALENDAR & CHALENDAR, 1987, p. 116). Em como concluem a resenha, os analistas acabam por ser precisos quanto a um fator determinante do livro em foco: tão ou mais importante que a viagem em si e ao que se relata é a sede de imparcialidade do escritor.

Para, nalgum sentido, ir-se além do que Mendonça e Chalendar & Chalendar enxergaram nos livros em foco, os procedimentos de análise ora adotados privilegiam os índices linguísticos que se possa haurir do que escreveu Namora, um eixo de mais se suscitarem questões que as abordar em sentido conclusivo. Motiva o breve itinerário de cotejo entre as duas obras a indagação feita pelo autor no cap. 15 de *URSS Mal Amada, Bem Amada*, em que, recuperando figura mencionada no cap. 14 do livro (o comunista empedernido João Maria Hipólito), indaga, retoricamente, à sua guia: «Terei conseguido, Elena, não me chamar Hipólito?» (NAMORA, 1986. p. 151). Noutros termos — e, jamais se pode esquecer, está-se no ano de 1986, recuperando-se uma viagem realizada em 1973; ou seja, quando a feição totalitária e corporativista do regime soviético já era amplamente conhecida e, por isso, incontestável —, quer saber, Namora, o quanto seu (assumido, não se pode negar) pendor comunista obnubilou ou não a visão que tenha dos espaços percorridos; dourou-se ou não a pílula? Conforme se viu, os resenhadores Chalendar & Chalendar julgaram que não, talvez numa assunção acrítica das diretrizes deixadas pelo escritor. O que se entende, entretantes — e, sobretudo, no paralelo que se possa traçar com *Cavalgada Cinzenta* —, é que a face idealizadora do velho crítico do Estado Novo e de sua quase consequente adesão ao mundo de Moscou (um mundo que remonta, em seu nascedouro, ao estatuto que possui na década de 1930) não se oculta, com uma tomada de partido algo nítida ao longo dos dois relatos. Em poucas escalas — quase à guisa de ilustração —, é o caminho que se passa percorrer.

A abertura de *URSS Mal Amada, Bem Amada* expõe uma polémica. Três escritores portugueses — Fernando Namora, Alberto Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues — estão no Aeroporto da Portela para embarcar num avião com destino a Paris; na verdade, uma escala para a União Soviética. O ano é o de 1973 e saem na imprensa portuguesa comentários desabonadores da jornada, uma resposta ao convite da «União das Associações Soviéticas para a Amizade e Relações Culturais entre os Povos». Subintitulado crônica, o livro insinua um registrado vazado menos na dimensão da ficcionalidade e mais no do relato de fatos; mas, neste passo inicial, aparenta-se às lucubrações de Almeida Garrett (2002) na abertura do notório romance *Viagens na Minha Terra*, quando dá conta das motivações de sua viagem a Santarém (GARRETT, 2002, p. 35). Namora aproveita o momento para refletir sobre seus desígnios como artista:

Reivindicávamos apenas o nosso direito a fruir um convite que, além de não nos hipotecar a liberdade de exame, a que um escritor mais preza, se traduziria, por um lado, numa experiência humana e intelectual das que não se azam todos os dias, e, por outro, no auscultar (mesmo que superficial e ilusório) de uma realidade social que, no mundo convivente dos nossos dias, o bom senso manda não ignorar. [...] Estejamos no mundo como ele é. E ao escritor, repito, homem que se tem por desembaraçado de liames convencionais e alertado para as aparências, cumpre dar-nos uma boa ajuda nessa sabedoria. (NAMORA, 1986, p. 11)

Bem está aqui um roteiro que se proponha para o que virá no desenvolvimento do livro: a liberdade que deve ter, o escritor, quando diante de uma realidade que lhe servirá de parâmetro ao seu ofício. Não soa incorreto acreditar que Chalendar & Chalendar, ao menos em parte, assumiram a palavra de Namora na interpretação que fazem de *URSS Mal Amada, Bem Amada*. O fator que se pode interpor entre essa ânsia, no que diz respeito a Portugal no ocaso do Estado Novo, é que, também na União Soviética a se visitar, amarras haverá em condição ainda mais limitadora; muito, se se pensar na situação de Namora, no controle que se tem das andanças feitas pelos visitantes — como no caso dos guias controladores, que o autor chama, em sentido pejorativo e antonomástico, de «Sachas», ou da própria guia de toda a viagem, a professora Elena Wolf. Será, esta, uma visão cristalina, não empanada pelo Estado?⁶ Esse mundo, algo aparentado ao 1984, de George Orwell (2008), é aquele que se verá muito bem demonstrado, para se ficar num exemplo de outra cepa, em *Viagens aos Confins do Comunismo*, do médico e crítico social Theodore Dalrymple (pseudônimo de Anthony Daniels). Nas andanças por Albânia, Coreia do Norte, Romênia, Vietnã e Cuba, o autor dá conta de vários lances em que o cerceamento de acesso à realidade dos países se revela marcante, bem como resume à perfeição a dimensão dos regimes comunistas — como o da União Soviética, algo que o cronista português parece pôr em dimensão lateral, de menor importância. Veja-se o que, num sentido lapidar, observa Dalrymple:

[...] uma das características do totalitarismo é tornar todos os membros de uma sociedade cúmplices dele; afinal, no regime totalitário, não apenas há coisas que você não pode dizer, mas coisas que você *tem* de dizer. No totalitarismo, você não pode retirar-se para a vida privada; você é obrigado a participar das cerimônias humilhantes que o regime constantemente decreta. (DALRYMPLE, 2017, p. 7)

Já Namora enxerga tal condição com alento, mais no plano de uma dilação cultural que de marca de um regime — totalitário *versus* democrático. É, assim, naturalizado o Estado policial e aquilo que se imiscui nas menores ações. Quando, em solo russo, não é permitido aos três intelectuais portugueses carregar as próprias malas, após insistência, são advertidos a não o fazer. Como desdobramento, verifica o autor:

⁶ No final do cap. 3, Namora (1986, p. 35) observa: «Quem viaja atrelado a guias, perde iniciativa, até o instinto endurece. Sobretudo se o guia é simultaneamente intérprete, guardião e, em muitos aspectos, vigilante. Daí que todo o passo ao desamparo seja sentido como um salto no escuro.» O que se pode e o que não se pode ver dentro do regime está nas mãos do guia; mais que relativa, a liberdade de observação é vigiada. Quadro assim sequer se insinua em todas as jornadas de *Cavalgada Cinzenta* — o viajante vê o que quiser, quando quiser, como quiser.

O facilitar ou regatear das coisas que se nos apresentam já ponderadas, legisladas ou lá o que for, não é para russos. O ocidental, por exemplo, pela-se por fazer negaças à lei ou por colocar em apuros um representante dela; na Rússia, esse tipo de irreverência, se existe, não se manifesta como uma reação à flor da pele. Será, talvez, mais elaborado. De qualquer modo, o que à superfície da quotidianeidade se observa é o respeito pelo que está estabelecido: uma espécie de impregnação medular de civismo, da tecedura gregária. (NAMORA, 1986, p. 29)

A ausência de espaço para dissonâncias ou para negociações, traço fulcral do comunismo, é posto, pelo viajante português, na conta de um traço do caráter de um povo; a «impregnação medular de civismo», cheia de ideal na fala de Namora, sabe muito mais à incorporação — doutrinal ou por medo — dos valores impostos pelo governo autoinstituído. Fosse lida, a passagem, sem se conhecerem o autor, o espaço e o tempo e se imaginaria estar num regime democrático. Para os convidados, a atmosfera que se revelará é de solicitude e acolhimento, conforme deixa Namora expresso no princípio do cap. 2 de *URSS Mal Amada, Bem Amada* (cf. NAMORA, 1986, p. 15). Como contraponto à experiência de adentrar um país estrangeiro, é bem demarcada aquela que se faça com a entrada do escritor nos Estados Unidos, conforme a narrativa (assim subintitulada por Namora, vale não esquecer) *Cavalgada Cinzenta*. O ambiente é hostil, tenso e, já por não ser uma crônica (no sentido de um eventual compromisso com a realidade vivenciada), possui marcas de uma autonomia que só a ficção pode oferecer:

Ali estou eu, finalmente, face ao síndico, acolitado por duas funcionárias com modos de despachar e andar. Encaramo-nos em benignidade, o que me apetece é desistir da viagem e ficar-me pelo Canadá. Este tipo cheira-me a FBI, ou então é o azedume da espera que me pôs desconfiado. (NAMORA, 1983, p. 17)

Entremeados por versos de um poema do escritor senegalês Léopold Sédar Senghor (o cap. 1 do livro se chama, precisamente, «Prelúdio sobre um Poema de Senghor») que contempla a grande cidade norte-americana, os comentários introdutórios do livro revelam muito pouca simpatia sobre o que está por vir — como experiência, mas também como escrita. As interpretações que o viajante faça daquilo que supõe pensarem de si ganham estatuto de palavra; os preconceitos pavimentam o caminho para a apreensão tangenciada da realidade (embora, claro, toda apreensão o seja, já que humana); a articulação a conhecimentos vicários (boa parte do livro traz lucubrações acerca de leituras de Namora, mais do que de experiências efetivas; foram, apenas, cinco dias...7) pode obnubilar a experiência humana ela mesma, tão prezada quando o objeto é a União Soviética. A propósito, neste país, não se fala em KGB expressamente; no máximo, à margem, quando se caracterizam as milícias.

7 O capítulo 7, para se ficar só num exemplo, cujo título é «Que É um Americano» consiste em colagem seletiva — e, predominantemente, negativa — do que é ser estadunidense. Suplementados por eventos concebidos pelo autor e pontuados por experiências em primeira pessoa, os dados hauridos em material impresso dão o tom dominante de muito do que seja *Cavalgada Cinzenta* — a propósito, mais ensaio que narrativa.

Na Sibéria, perguntei a Elena quem eram aqueles homens-sombra que rondavam as ruas e os lugares onde se bebia, como aves ao entardecer.

— São da milícia. Uma boa coisa. Para evitar abusos.

Todavia, sabe-se que circula por toda a URSS este dito malicioso: «És um homem ou um miliciano?», e sabe-se também que a generalidade das pessoas olha de esguelha os antigos secretas, que gozam a reforma nos bancos dos jardins, à espreita do sol. Os secretas em atividade estarão menos expostos a essa segregação. (NAMORA, 1986, p. 48-49)

E as milícias têm lá seu valor, já que, na «União Soviética, o larápio, o assalto, a rixa são raridade» (NAMORA, 1986, p. 48); noutros termos, o terrorismo estatal, tido na conta de algo positivo pela guia, não traz muitos pruridos ao viajante. O reparo, por meio da frase que transita clandestinamente, não consiste em direção de crítica a um Estado que está sempre à espreita e que, muito obviamente, fomenta o medo. No que a Nova Iorque diz respeito, o quadro é bem diverso. Tomada como epítome do modo de vida americano⁸ — que, a propósito, está bem longe de sê-lo, mais ainda na década de 1970 —, a vida na grande cidade é marcadamente violenta, algo expresso, p. ex., no desfile de dados que se faz no final cap. 4 de *Cavalgada Cinzenta* (cf. NAMORA, 1983, p. 88-94), bem como, ainda no cap. 1, quando se diz que «Em cada vulto saído das portas sentirás os olhos de um malfeitor, na mão embolsada a arma que te há-de intimidar.» (NAMORA, 1983, p. 11). Menos preocupado pela busca de motivações quando se trata da União Soviética — Namora, predominantemente, ouve apenas a frase final dos enunciados, toca a epiderme da realidade —, diante do gigante capitalista, mune-se de variadas informações para confirmar a sua tese de cidade opressora, violenta e excludente. Fá-lo, p. ex., na primeira metade do cap. 4, quando se dedica ao Harlem e às vivências dos negros; a posição dos não russos, dentro do regime soviético, para se buscar um contraponto, é questão nada mais que tópica no olhar do viajante, quando se trata de *URSS Mal Amada, Bem Amada*.

Se, em *Cavalgada Cinzenta*, predomina a visão negativa do capitalismo e de uma realidade em que se entende prevalecerem a desumanização e a indiferença; ao pensar nas suas andanças russas, o escritor português parece intimamente tocado. Rememorando aquilo por que passara na década anterior, afirma: «[...] nenhuma outra viagem me deixou este intenso rescaldo de uma impregnação medular, de qualquer coisa perdida quando já era também nossa: a minha segunda viagem à URSS. [...] É [...] uma saudade apaziguadora.» (NAMORA, 1986, p. 42-43). Tal encantamento brota de situações que soam irreais e cujas motivações Namora — em 1973, quando da viagem, bem como em 1986, quando conclui a redação de *URSS Mal Amada, Bem Amada* — desconhece muito pouco verossimilmente. Uma delas é a de uma jovem natural da então Leningrado (hoje, São Petesburgo), culta e de formação esmerada:

[...] fora burocraticamente destacada para uma cidade do Usbequistão. Perguntamos-lhe se não teria preferido a euforia amena (se assim se pode dizer) de Leningrado, se não lhe sabia a exílio essa permanência num meio

⁸ Embora o autor reconheça, em mais de um momento, que «os Estados Unidos não são Nova Iorque» (NAMORA, 1983, p. 21), acaba por estender a condição da cidade à de espelho do ser norte-americano.

onde clima, interesses, hábitos logo a um primeiro relance muito diferiam daqueles que, porventura, lhe estavam no sangue.

Ela encarou-nos com surpresa:

— Exílio? Longe disso. O saber que sou aqui precisa e me acharam digna desta missão faz-me sentir realizada. Um dia serei substituída, voltarei para Leningrado, não há motivo para me lamentar. Pelo contrário. (NAMORA, 1986, p. 59)

Dissesse, a breve entrevista, respeito a quadro delineado num regime democrático, o desprendimento da moça de São Petesburgo se poderia entender como tal, sem qualquer restrição; mas o viajante nenhuma ponderação faz nesse sentido, dando a entender um estado de coisas em que a oposição democrática ao regime se possa realizar sem qualquer risco, sem qualquer perseguição ou punição. O mesmo ar de normalidade está no olhar que se confere, na página seguinte, à empregada que serve num restaurante; depois, vem o autor a saber tratar-se de uma «diretora de biblioteca pública» que «duas vezes por semana considerava seu dever cívico ser criada de restaurante, visto tratar-se de ocupação que não seduzia ninguém mas que alguém teria de desempenhar.» (NAMORA, 1986, p. 60-61.) Para observador tão arguto da realidade, conforme o demonstra nas lucubrações político-econômicas de *Cavalgada Cinzenta*, parece haver uma leitura muito rasa de tudo o que está por trás dos sorrisos num regime de cariz ditatorial. De todo modo, não é apenas a visão de encantamento diante de uma sociedade ideal; Namora também faz juízos depreciativos em *URSS Mal Amada, Bem Amada*, como, p. ex., quando fala do fausto do Hotel Rússia e da paixão pela vodca. Vejam-se dois trechos:

Estava-nos destinado o hotel «Rússia». Uma cidade dentro de um casarão, ou uma cidade dentro de outra cidade, sem parentesco entre si. O Hotel Rússia é a réplica soviética, à bruta, em grande e até em caricatura, dos descomedimentos do Ocidente cosmopolita, que só tarde vem percebendo que estes gigantismos disparatados ofendem o apelo do Homem à harmonia com aquilo que o cerca ou que ele constrói, sejam hotéis, hospitais, «shopping centers» do gênero da nossa Disneylândia das Amoreiras, complexos fabris ou prédios residenciais. (NAMORA, 1986, p. 43)

Foi então que, numa ruela mais deserta, dei com um homem caído de borco, ao rés do passeio, mãos e cara arroxeadas, a baba a escorrer-lhe da boca. Inconsciente, mas vivo. Um bafo dos diabos de vodca.

Que fazer, que não fazer — cada olhar de rogo lançado aos raros transeuntes era o mesmo que nada, aquilo dizia-me respeito e não a eles. Já passara por situações idênticas, em Paris, em Nova Iorque, em Lisboa, mas sentia que essa indiferença, inadmissível em qualquer parte, o seria bem menos na URSS das proclamadas fraternidades. (NAMORA, 1986, p. 106)

O primeiro trecho, extraído do cap. 4, revela que também na União Soviética parece haver exageros e ostentação (bem como há prostituição mal disfarçada, conforme a sequência da caracterização realizada pelo hóspede revela; cf. NAMORA, 1986, p. 43-44). Esses exageros, entretantes, têm por parâmetro — aqui, do que é mau — as desmesuras do Ocidente, inclusive Lisboa e o Centro Comercial das Amoreiras, o primeiro do gênero em Lisboa, inaugurado em 1985

(ou seja, pouco antes de o autor concluir o seu livro). Será indício do capitalismo a corromper as utopias comunistas? Bem possível. O segundo excerto, do cap. 8, em que Namora contempla o problema do alcoolismo entre os soviéticos, recupera um episódio na cidade de Carcóvia, na Ucrânia, em que um homem alcoolizado tomba na rua e ninguém, senão o escritor, acode-o.⁹ O desenlace se dá com o viajante português instando uma renitente moradora das proximidades a chamar por socorro — «Na verdade, não tardou aí a ambulância — eu já sabia que na URSS essas coisas funcionam a valer e que há um hospital de urgência para cada cinquenta mil habitantes.» (NAMORA, 1986, p. 107) —, o atendimento ao homem por uma médica e dois enfermeiros e o retorno de Namora ao hotel. Novamente, o fato de a cena desenvolver-se sob os céus do comunismo corresponde a um *a fortiori* para o viajante, sendo, o Oeste, o espaço em que a indiferença pelo outro se revele uma constante, o que não seria tolerável no jugo de um regime padronizador e supressor de vontades individuais. Na América, aí sim, a marca reificadora capta a atenção do autor de *Cavalgada Cinzenta* em signo de dominância: «Foi talvez o que mais me impressionou em Nova Iorque: a alienação. Em todo o sentido da palavra. Cada pessoa um mundo insulado, à deriva neste oceano rugidor.» (NAMORA, 1983, p. 25.) Os Estados Unidos da «corrupção e da agressividade» terão suas brechas, precisamente, naquilo que vai na contramão do que o autor percebe como práticas predominantes, caso, p. ex., de Greenwich Village, sobre que o autor discorre no cap. 3 do seu livro.

A predisposição de Namora fica muito clara, também, no modo como intervém em esferas culturais num e noutro país. Quando em Nova Iorque, o convite feito por Miss Stevens, uma das que o ciceroneiam, para uma gravação recebe retorno frio, pouco receptivo: «eu sou um mau leitor e, quanto a conversa, fico logo inibido ao sentir que está ali um bufo a registrar-me as palavras.» (NAMORA, 1983, p. 245.) Acaba por se realizar a interação, mas o gravador — «os Americanos já não sabem viver sem máquinas» (NAMORA, 1983, p. 245), caricatura o escritor — não funciona e fica-se apenas por fotos. Na «mágica URSS» (NAMORA, 1986, p. 81), as coisas decorrem diferentemente. Na União dos Escritores, conforme se lê no cap. 5 de *URSS Mal Amada, Bem Amada*, há um clima positivo, de camaradagem; ainda que Namora veja, no apoio estatal à escrita, uma outra face, que é a da perigosa acomodação — as Casas de Cultura ou de Repouso para escritores correspondem a «Outro universo, enfim, outra maneira de atender à vida intelectual. Mas nesta ‘outra maneira’ há coisas que perturbam.», como a artificialidade da recepção e a necessidade de se criar uma imagem positiva do regime (NAMORA, 1986, p. 75). Namora consegue, nalguns momentos, enxergar além das aparências e ver os problemas em seu cerne.

No fim de contas, a liberdade do escritor para expor suas visões, suas inquietações, suas utopias está na raiz da humanidade e da arte; menos valerá o que um escritor exponha caso as concessões que se façam a diretrizes de várias ordens se cristalizem em sua obra. O fato de

⁹ Proximamente ao final de *Cavalgada Cinzenta*, Namora pontua: «Bebe-se muito nos Estados Unidos, bebe-se muito no Canadá. O mesmo na Suécia, o mesmo na Rússia, em todo o lado.» (NAMORA, 1983, p. 288).

Namora ter clara inclinação ao sonho soviético em face do que entende ser o pesadelo norte-americano — conforme exposto, é comportamento que está quase que na superfície dos textos — em nada diminui ou aumenta o poder de sua obra. Mas por que insistir em neutralidade ou em abrangência quando os dois projetos, claramente, revelam olhares todos eles contaminados de condescendência quanto a um regime totalitário e de reprovação ante a maior democracia do mundo? Para tanto, Namora chega a abrir mão de valores como humanismo e liberdade, conforme se pode ver mesmo em *URSS Mal Amada, Bem Amada*, quando deseja desinvestir as palavras de seus sentidos para que se acomodem na realidade que deseja representar (a propósito, bem dentro de um viés de ascendência marxista, que adota):

O uso da liberdade de opinião, ou o próprio conceito desta, tem parâmetros. Se, para nós, o homem livre será aquele que pode manifestar o seu desacordo com a ordem estabelecida, outros aceitarão limitações medularmente assumidas (por quanto tempo?), que participam de uma espécie de consenso coletivo e daquilo que, em seu favor, o individualismo sacrifica. (NAMORA, 1986, p. 56)

Chamando de «minorias contestatárias» (ou de «dissidentes») aqueles que se voltam categoricamente contra o regime que cultivou os *gulags*, os desterros e os asilos psiquiátricos (cf. NAMORA, 1986, p. 57), Namora derivará sua discussão na noção de que «As palavras que codificam coisas subjetivas são, elas próprias, carregadas de subjetividade. Não podemos fechá-las em moldes rígidos.» (NAMORA, 1986, p. 58). Embora, possivelmente, não fosse esta a ilação que se pudesse tirar do que afirma o autor — não se se partir do projeto mais laudatório que crítico por ele encampado —, fica a noção de que a perigosa relativização do que são vontades e desejos individuais se apague como resultado de décadas sob o jugo de um regime que tolhe a irreverência e, mesmo, o questionamento. Ao relativizar a condição da liberdade de opinião e de expressão, Namora dá as costas a uma situação que se vivenciou em seu próprio país (e com muito menos derramamento de sangue, vale dizer) por quase cinco décadas.

Referências:

AGUIAR, J. **Jorge Amado: uma biografia**. S. Paulo: Tordesilhas, 2018.

CAMOCARDI, E. M. **Fernando Namora: um cronista no território da ficção**. Assis: ILHPA; São Paulo: HUCITEC, 1978.

CHALENDAR, P.; CHALENDAR, G. Fernando Namora: URSS Mal Amada, Bem Amada. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 97, p.115-116, maio-jun. 1987.

_____. **Temas e Estruturas na Obra de Fernando Namora**. Lisboa: Moraes, 1979.

DALRYMPLE, T. **Viagens aos Confins do Comunismo**. S. Paulo: É Realizações, 2017.

GARRETT, A. **Viagens na Minha Terra**. 13. ed. Lisboa: Ulisseia, 2002.

MENDONÇA, F. Fernando Namora: Cavalgada Cinzenta. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 41, p. 84-85, jan. 1978.

NAMORA, F. **Encontros: entrevistas**. 4. ed. Mem Martins: Europa-América, 1998.

_____. Prefácio. In: **Casa da Malta**: novela. 13. ed. Mem Martins: Europa-América, 1988. p. 13-32.

_____. **URSS Mal Amada, Bem Amada: crônica**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

_____. **Cavalgada Cinzenta: narrativa**. Amadora: Bertrand, 1983.

NEVES, J. Prefácio. In: RODRIGUES, U. T. **Viagem à União Soviética**. Amadora: Cavalo de Ferro, 2017. p. 9-14.

_____. **Comunismo e Nacionalismo em Portugal: política, cultura e História no século XX**. Lisboa: Tinta-da-China, 2010.

ORWELL, G. **1984**. London: Penguin, 2008.

REDOL, A. Breve memória para os que têm menos de 40 Anos ou para quantos já esqueceram o que aconteceu em 1939. In: **Gaibéus: romance**. 6. ed. ref. Mem Martins: Europa-América, 1965. p. 13-36.

RÉGIO, J. **Páginas de Doutrina e Crítica da «Presença»**. Porto: Brasília, 1977.

REIS, C. (Sel.). **Textos Teóricos do Neo-Realismo Português**. Lisboa: Seara Nova; Comunicação, 1981.

RODRIGUES, U. T. **Viagem à União Soviética**. Amadora: Cavalo de Ferro, 2017.

SACRAMENTO, M. **Fernando Namora**. Lisboa: Arcádia, 1967.

SILVA, G. da. **Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca**. Lisboa: Caminho, 1990.

TIAGO, M. **Até Amanhã, Camaradas**. 4. ed. Lisboa: Avante!, 1980.